



PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013
Licenciado sob uma licença Creative Commons



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.41.112.AO01>

Narrativas de histórias de vida de mulheres de um projeto comunitário

Women's Life Story Narratives from a Community Project

Marcos Antônio da Silva
Universidade Tuiuti do Paraná
<https://orcid.org/0000-0001-9033-2209>
pr.marcosansi@gmail.com

Adriano Valério dos Santos Azevêdo
Universidade Tuiuti do Paraná
Orcid - <https://orcid.org/0000-0003-0238-3423>

Resumo

Mulheres em situação de vulnerabilidade social podem apresentar dificuldades para promover mudanças em suas vidas, assim, uma alternativa é a participação em atividades propostas pelas organizações não-governamentais. Este artigo objetivou compreender as narrativas de histórias de vida de mulheres de um projeto comunitário. Utilizou-se a metodologia de estudo de caso com três mulheres que responderam um roteiro de entrevista com perguntas relativas ao processo de experiências vivenciadas. A análise fundamentada nos dados possibilitou realizar o sistema de codificação temática. Verificou-se que esta experiência permitiu a abertura para aprendizagens e o desenvolvimento de potencialidades, o que ocorreu por meio de conhecimentos geradores de oportunidades de trabalho, renda e protagonismo. Mudanças significativas foram provenientes do autoconhecimento, o que apresentou repercussões nas relações de trabalho. Os resultados desta pesquisa auxiliam os movimentos feministas nas conquistas a serem alcançadas para viabilizar a emancipação da mulher nos espaços sociais, o que possibilita fomentar melhorias nas condições de vida.

Palavras-chave: *mulheres; vulnerabilidade social; intervenção psicossocial; minorias sexuais e de gênero.*

Abstract

Women in situations of social vulnerability can present difficulties to promote changes in their lives, thus, an alternative is the participation in activities proposed by non-governmental organizations. This article aimed to understand the life story narratives of women in a community project. The methodology of a case study was used with three women who answered an interview script with questions related to the process of lived experiences. The analysis based on the data made it possible to carry out the thematic coding system. It was verified that this experience allowed the opening for learning and the development of potentialities, which occurred through knowledge that generated job opportunities, income and protagonism. Significant changes came from self-knowledge, which had repercussions on work relationships. The results of this research help feminist movements in the achievements to be achieved to enable the emancipation of women in social spaces, which makes it possible to foster improvements in living conditions.

Keywords: *Women; social vulnerability; psychosocial intervention; Sexual and Gender Minorities.*

Resumen

Las mujeres en situación de vulnerabilidad social pueden presentar dificultades para promover cambios en sus vidas, por lo que una alternativa es la participación en actividades propuestas por organizaciones no gubernamentales. Este artículo tuvo como objetivo comprender las narrativas de la historia de vida de mujeres en un proyecto comunitario. Se utilizó la metodología de estudio de caso con tres mujeres que respondieron un guión de entrevista con preguntas relacionadas con el proceso de experiencias vividas. El análisis a partir de los datos permitió realizar el sistema de codificación temática. Se verificó que esta experiencia permitió la apertura para el aprendizaje y el desarrollo de potencialidades, lo que ocurrió a través de conocimientos que generaron oportunidades de trabajo, ingresos y protagonismo. Cambios significativos provinieron del autoconocimiento, lo que repercutió en las relaciones de trabajo. Los resultados de esta investigación ayudan a los movimientos feministas en los logros a alcanzar para viabilizar la emancipación de las mujeres en los espacios sociales, lo que permite propiciar mejoras en las condiciones de vida.

Palabras clave: *mujeres; proyecto comunitario; vulnerabilidad social; intervención psicossocial; Minorías Sexuales y de Género.*

Introdução

Nas relações assimétricas entre homens e mulheres o poder e a dominação estão presentes, ao considerar que ao longo da história a mulher enfrentou processos discriminatórios provenientes de um sistema patriarcal. No Brasil, ao longo de décadas, as mulheres buscam o reconhecimento de seu papel na sociedade para legitimar a garantia de direitos previstos na Constituição Federal da República. E nesse percurso os desafios são maiores para a inclusão no mercado de trabalho com os mesmos salários dos homens. Há precariedades na maneira pela qual as relações de gênero são incluídas nos programas de instituições públicas e privadas, o que inviabiliza a representatividade do gênero feminino (Scott, 2018). Por outro lado, resultados positivos têm sido alcançados por meio de projetos de economia popular solidária (Silva, 2019).

A busca pela efetivação dos direitos das mulheres representa o objetivo central dos movimentos feministas com destaque para Simone de Beauvoir, Carol Gilligan, Judith Butler e o feminismo radical de Kate Miler. Obras consideradas clássicas, por exemplo, o livro - o segundo sexo de Beauvoir (2008) - se fortalece nas discussões atuais sobre o papel da mulher na sociedade. O feminismo contemporâneo gerou discussões que permitiram a construção de espaços reflexivos nas mídias digitais, nos jornais e na televisão. E ao considerar a evolução histórica, o termo ciência política feminista tem sido apresentado no cenário internacional com o objetivo de problematizar as situações vivenciadas pelas mulheres no contexto social (Weldon, 2019), o que possibilitou fomentar políticas para o enfrentamento das vulnerabilidades.

No Brasil, destacam-se os fundamentos dos princípios orientadores descritos no Plano Nacional de Políticas para Mulheres - PNPM – 2013-2015: Autonomia das Mulheres em todas as dimensões da vida; busca da igualdade efetiva entre homens e mulheres em todos os âmbitos; respeito à diversidade e combate a todas as formas de discriminação; caráter laico do Estado; universalidade dos serviços e benefícios ofertados pelo Estado; participação ativa de todas as mulheres nas políticas públicas e transversalidade como princípio orientador de todas as políticas públicas (Brasil. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, 2013).

É possível compreender que o PNPM busca desconstruir um modelo de sociedade que está fundamentado no patriarcado para promover uma cultura de igualdade, valorização, respeito e justiça na qual a mulher reafirma sua autonomia na transformação

da realidade social. O PNPM auxiliou a construção de ações nos âmbitos federal, estadual e municipal para garantir dignidade às mulheres, por exemplo, o disk denúncia (disque 180) possibilita que qualquer pessoa registre denúncia sobre violência e maus tratos contra mulheres. E outro ponto se refere aos serviços especializados, por exemplo, a delegacia da mulher que protege e oferece atendimento às mulheres que tiveram seus direitos violados.

Nesse sentido, ocorreram aberturas para a proteção integral, mas, há desafios para a participação de mulheres no âmbito do trabalho, de tal forma que os projetos comunitários conduzidos por meio de Organizações Não-Governamentais (ONGs) representam uma alternativa para a capacitação profissional. As ONGs, de forma independente e sem fins lucrativos, buscam realizar ações com o propósito de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da sociedade (Mauro & Naves, 1999). Dessa maneira, as ONGs buscam desenvolver projetos em comunidades com o objetivo de promover inclusão e participação social para a redução das desigualdades e vulnerabilidades associadas.

E para compreender esses aspectos é necessário incluir uma visão ampliada dos aspectos geradores de inclusão/exclusão que potencializam as desigualdades de gênero na esfera coletiva. E no que se refere as relações de gênero no ambiente de trabalho, de forma geral as mulheres assumem empregos precários, jornadas duplas/triplas, recebem baixos salários, além disso existem as demandas provenientes do contexto familiar e de formação pessoal (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas [IPEA], 2016). Esses aspectos se tornam agravantes quando existem interseccionalidades, ou seja, mulher negra com baixa renda sofre duplamente os efeitos da falta de oportunidades (Nunes, 2021).

Isso permite inferir que há uma sobrecarga de papéis, diante disto os espaços comunitários representam oportunidades para as mulheres ampliarem os seus conhecimentos por meio do desenvolvimento de competências e habilidades para a geração de renda, protagonismo e qualidade de vida. No contexto Brasileiro projetos comunitários foram direcionados para as mulheres com resultados positivos referentes à inserção social por meio de trabalho e renda, o que possibilitou o enfrentamento dos problemas sociais (Amaral & Bunstein, 2017; Barrosso, 2009; CasaGrande et al., 2018;

Cerpa, Magalhães, & Celmer, 2013; Pinheiro & Lima, 2015; Silva, 2019; Schleder, Posser & Giuliani, 2017).

Objetivos

Assim, é pertinente a continuidade de estudos científicos para compreender as narrativas de histórias de vida, o que permite identificar as repercussões psicossociais envolvidas. De maneira simultânea contribui para o desenvolvimento de ações propostas pelas ONGs e permite ampliar os estudos na área de formulação e avaliação de propostas a serem realizadas em comunidades. Desta maneira, esta pesquisa objetivou compreender as narrativas de histórias de vida de mulheres de um projeto comunitário.

Método

Delineamento

Utilizou-se o delineamento de pesquisa qualitativa que valoriza a investigação dos significados provenientes das narrativas de histórias de vida numa perspectiva de análise voltada para a interpretação. Trata-se de uma pesquisa de estudo de caso no enfoque retrospectivo fundamentado nas histórias de vida de três mulheres que participaram de um projeto comunitário.

Local de pesquisa

A ONG está localizada na região sul do Brasil e o acesso ao local de pesquisa ocorreu por meio de indicação de pessoas da rede de contato dos pesquisadores. A ONG tem a missão de realizar programas de desenvolvimento pessoal e organizacional por meio de jogos e vivências com os seguintes objetivos: Semear novas ideias; Impulsionar resultados e o pensar inovador e criativo; Conectar pessoas, empresas e projetos; Inspirar um novo olhar para si e para o mundo; Catalisar mudanças e Multiplicar relações sociais. A instituição busca transformar a realidade de mulheres que vivem em contexto de vulnerabilidade social, o que permite gerar oportunidades para que se tornem protagonistas de suas histórias de vida por meio do fortalecimento da autoestima, capacitação profissional e autoconhecimento para geração de renda.

O Projeto Comunitário de Mulheres foi fundado no dia 23 de Novembro de 2013. Todavia, o trabalho voluntário iniciou em 2009 com um grupo de amigos/as que se autodenominaram Amigos em Ação. Estes se reuniram para realizar a primeira Festa da Criançada em 2009. Desde lá tornou-se uma tradição promover eventos às crianças nas datas comemorativas da Páscoa, Dia das Crianças e Natal. Surgiu a necessidade de registrar estes eventos com a percepção de que o trabalho poderia ir além das festas para as crianças, assim, buscou-se promover reuniões quinzenais com mulheres que estavam desempregadas e com autoestima baixa objetivando retirá-las da ociosidade para despertar novas perspectivas de vida. No início apenas 6 mulheres participaram do projeto, mas, ao longo dos anos os registros mostraram a presença de 50 mulheres. Os organizadores ainda não têm uma sede própria para os encontros, portanto, utilizam imóvel emprestado para a realização das atividades.

O projeto comunitário promove a valorização da mulher por meio dos seguintes eixos: saúde da mulher, autoestima e empreendedorismo. Desenvolve ações de convivência comunitária por meio das oficinas (costura, artesanatos, culinária, horticultura), jardinagem (projeto flores na cidade) e mutirão de limpeza no bairro. Promove ações solidárias de lazer e diversão para as crianças do bairro em datas festivas da Páscoa, dia da Criança e Natal. Em síntese, busca-se sensibilizar a sociedade para os problemas das mulheres em situação de vulnerabilidade social, o que permite desenvolver atividades articuladas com outras associações e projetos comunitários numa perspectiva de ONG, a qual visa contribuir com o desenvolvimento social promovendo protagonismo nas mulheres e mudanças na realidade social.

Participantes

Três mulheres participaram da pesquisa e foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: 1) Ter mais de 18 anos de idade; 2) Participar de uma oficina/course que ajude no aumento da renda pessoal/familiar; 3) Participar do projeto no período mínimo de três meses; 4) Residir no mesmo bairro/cidade do projeto. Foram excluídas da pesquisa as mulheres que estavam desenvolvendo atividades no período inferior a três meses. Utilizou-se este critério para priorizar as mulheres que concluíram as atividades. O contato com as mulheres ocorreu por meio de indicação dos organizadores da ONG, o que se denomina de procedimento de bola de neve. Ao receber uma lista disponibilizada

pela ONG, os pesquisadores entraram em contato e obtiveram o retorno de três mulheres. Abaixo seguem breves descrições com nomes fictícios para a garantia do sigilo. As três participantes, moradoras do mesmo bairro, realizaram cursos distintos e trabalham na condição de autônomas.

Maria, casada, 51 anos de idade, evangélica, tem um filho e uma filha, ensino médio completo, renda familiar de dois salários mínimos. Realizou curso de costura e desenvolveu aprimoramento profissional.

Juliane, 42 anos de idade, evangélica, separada, tem duas filhas e um filho, ensino médio incompleto e renda familiar de dois salários mínimos. No início estava casada e o seu marido não concordou com a sua participação nas atividades do projeto comunitário, o que repercutiu na separação. Realizou cursos de crochê, tricô, artesanato, mas, posteriormente se identificou com o curso de marido de aluguel, o qual obteve reconhecimento profissional.

Rosane, 56 anos de idade, evangélica, casada, tem dois filhos adultos, dois netos, estudou até a terceira série do primário e tem renda familiar de três salários mínimos. Realizou curso profissional de babá para cuidar de crianças pequenas e aprimorou suas habilidades no curso de culinária.

Instrumentos

Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista narrativa. Este tipo de entrevista busca conhecer as experiências subjetivas dos entrevistados referentes a um período de sua biografia, o que ocorre por meio de perguntas focalizadas para promover explorações e aprofundamentos. Foi elaborado um roteiro de entrevista utilizando uma formulação flexível, de modo que a sucessão das questões e os detalhes iniciaram mediante o discurso das participantes num processo dinâmico. O roteiro da entrevista narrativa abrangeu perguntas relativas ao envolvimento das entrevistadas com o projeto comunitário objetivando identificar como foram iniciados os contatos, as atividades realizadas e as mudanças vivenciadas. Posteriormente utilizou-se um questionário sociodemográfico para coletar informações (idade, religião, estado civil, escolaridade, renda).

Procedimentos

Esta pesquisa iniciou-se após autorização da equipe de coordenação da referida instituição. Em seguida ocorreu a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Tuiuti do Paraná pelo parecer consubstanciado 2.393.511 e registrado com o número CAAE 79276217.60000.8040. Após aprovação as participantes foram convidadas e de forma voluntária assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

A entrevista foi realizada individualmente na sede da instituição numa sala reservada com duração aproximada de cinquenta minutos. No primeiro momento apresentou-se a proposta do roteiro de entrevista e em seguida o questionário sociodemográfico. A entrevista foi áudio gravada e posteriormente transcrita na íntegra para leitura e análise.

Análise de dados

Nesta pesquisa utilizou-se a análise fundamentada nos dados por meio do sistema de codificação temática concentrando-se nos casos isolados, realizando-se em seguida a comparação com os outros participantes (Strauss & Corbin, 1998). A análise iniciou-se por meio da codificação aberta para compreender de que maneira os dados foram representados na forma de conceitos, o que ocorreu por meio da identificação das unidades de significado, especificamente palavras isoladas ou sequências de palavras nas narrativas de histórias de vida, o que permitiu a geração de códigos.

No processo de codificação seletiva foram identificadas as categorias centrais e subcategorias, o que incluiu as características e dimensões provenientes das narrativas. Na próxima etapa ocorreu a comparação dos resultados dos três casos investigados, o que possibilitou verificar as similaridades e as diferenças.

Resultados

A Tabela 1 apresenta os resultados da análise das narrativas, o que mostra o processo vivencial das participantes.

Tabela 1. Apresentação das categorias, subcategorias e elementos temáticos.

Categoria	Subcategoria	Elementos Temáticos
1. O contato	1.1 - Interesse e Identificação	1.1.1 - Convite 1.1.2 - Familiaridade
	1.2 - Interação Social	1.2.1 - Novas amizades
	2. O projeto comunitário	2.1 - Abertura para aprendizagens
3. Mudanças percebidas	3.1 - Descoberta de potencialidades	3.1.1 -
		Autoconhecimento
		3.1.2 - Autoestima

O contato

As participantes da pesquisa receberam convites de pessoas que moram próximas e se identificaram com a proposta de gerar integração por meio de cursos para o desenvolvimento de perspectivas de vida. Identificou-se este relato:“(...) eu não tinha conhecimento do projeto, mas uma vizinha, acabou me convidando! Ela já participava...eu não conhecia o projeto. Através dela visitei lá e acabei conhecendo e me familiarizando com ele (...) Maria”.

Isto possibilitou um novo processo de relações de amizades: “A vizinha me disse que tinha bastante mulherada para novas amizades e que eu iria aprender cursos artesanais e costura. Então foi a partir daí que eu tive contato com o projeto (..) Maria”. Juliane apresentou relato semelhante: “Foi uma vizinha que me trouxe para cá. Eu vim de São Paulo, quando a Fernanda, minha vizinha me trouxe para conhecer o projeto (...) o meu marido queria que eu fosse uma dona de casa fechada. Só dentro de casa, não ter amizades e eu não saía. Eu gosto de conversar com gente. Eu gosto de barulho. Detesto ficar em silêncio, por isso, eu fui para me distrair pelo menos uma vez por semana. Porque só ficar dentro de casa é demais. Ninguém aguenta. É depressivo”.

A iniciativa de Juliane de não se submeter a uma vida imposta pelo seu cônjuge representa um indicador de emancipação, ao considerar que encontrou um espaço na

comunidade para desenvolver novas habilidades buscando fomentar o protagonismo e a participação social.

Rosane desenvolveu novas amizades que permitiram a construção de redes de apoio: “Agora eu não deixo mesmo o projeto comunitário. Todas as quintas feiras estou aqui! Fiz bastante amizades, o que eu não tinha muito, porque eu tinha acabado de me mudar”.

O projeto comunitário

A abertura para aprendizagens foi uma característica identificada nas participantes da pesquisa. Maria iniciou a oficina de costura e desenvolveu conhecimentos e domínios referentes a esta atividade: “(...) desde o início que eu entrei, fiz parte da turma de costura, eu trabalhava com material que tinha no momento, tecidos, almofadas, muitas roupinhas de cachorros, de pet... vamos aproveitando os retalhos e fazemos roupinhas de bonecas (...) então, na verdade é uma base de troca, a gente estava doando para o projeto e depois vinha outros retornos” Neste caso, percebe-se que as práticas horizontais e colaborativas foram geradoras de redes de apoio significativas por meio da reciprocidade.

Juliane começou a participar de várias atividades: crochê, tricô, artesanato: “(...) eu fico aqui e ajudo um pouquinho de tudo. Como todo mundo está de férias não tenho atividades, mas se tiver alguma atividade de crochê, bordado e artesanato eu faço também. Quando também tem manutenção eu faço também”. Identifica-se nesta fala a disponibilidade de Juliane para aprender e vivenciar novas experiências.

No que se refere a Rosane, o convite da amiga possibilitou a aquisição de novos conhecimentos e o envolvimento em várias atividades: “Eu aprendi lá atrás delas, aprendi a fazer bicos de pano de prato. Aprendi um pouco de crochê e também um pouco de tricô (...) eu faço um pouco de tudo, estou sempre pronta para aprender mais. Tudo o que eu vejo, vou tentando aprender”. Rosane também desenvolve atividades diversas: “Eu ajudo a fazer sacola. Vou na cozinha também e ajudo o projeto na preparação de alimentos. Onde eu posso fazer alguma coisa eu faço pelo projeto (...) Faço também artesanato”.

Nestes relatos é possível identificar que as mulheres apresentaram disponibilidade para a inserção nas atividades a serem desenvolvidas, pois, há interesse em aprender novos conhecimentos numa perspectiva de construção das identidades profissionais.

Mudanças percebidas

Foram relatadas mudanças significativas referentes a descoberta de potencialidades por meio de autoconhecimento, o que apresentou melhorias na autoestima. Maria relatou: "(...) o projeto proporciona uma melhoria de autoestima e conhecimento" (...) " Nestes dois anos que eu participo foi muito importante porque a partir desse projeto eu consegui me conhecer mais como pessoa, eu consegui interagir com pessoas... (...) é uma grande oportunidade em participar desse projeto que eu me descobri" (...) "No projeto aprendi muitas coisas de costura e eu levo para minha experiência de vida, eu já trabalho como autônoma, com conserto de costura e faço também roupas novas e isso dá uma rendinha (...) é pouco, mas no momento me ajuda muito. Eu também ofereço o meu conhecimento para eles e eles para mim".

Juliane começou participando de várias atividades: crochê, tricô, artesanato: "Antes do projeto comunitário era simplesmente a Juliane. Depois que eu entrei no Projeto, eu sou o Carlão, marido de Aluguel. (...) eu trabalho como Carlão, quando eu visto o macacão, mas quando eu uso maquiagem vou ao cinema com as crianças. Eu digo: O Carlão não é só serviço não, é shopping também, também é passeio". No início estava casada e o seu marido não queria que ela participasse das atividades, assim, Juliane decidiu pela separação.

O projeto comunitário em parceria com uma empresa de empreendedorismo social ofereceu às mulheres cursos profissionalizantes. Juliane participou de um curso de marido de aluguel que objetivou formar profissionais para a realização de serviços gerais em residências: "Quando foi no final do ano de 2015, chegaram umas empresárias lá que disseram que iriam dar um curso (...). Nas dinâmicas, elas perguntavam o que a gente sabia fazer de melhor. O que a gente queria fazer que elas iriam ver, como dizer...(...) potencializar para melhorar a gente".

Juliane ao receber a proposta de empreendedorismo foi estimulada a vivenciar um processo de descobertas de interesses e potenciais, o que permitiu a aquisição de conhecimentos: "Algumas coisas eu já fazia, mas quando fui fazer as instalações na minha casa, quase coloquei fogo no relógio da luz. A sorte que o meu vizinho desenhou a instalação inteira. Ai quando eu fui fazer o curso, gostei muito, abriu muito a minha cabeça. Eu me descobri mais ainda".

Juliane se reconhece como mulher ao descobrir seu potencial e a importância da igualdade de gênero nas relações de trabalho: “(...) Eu comecei a ficar parada por um tempo, mas começou a aparecer um serviço para mim: fazer uma casa. Eu só chamei uma moça para fazer o telhado. Eu fiz do fundamento, telhado até a chave. O meu trabalho ficou conhecido. Está sendo reconhecido por muita gente que está falando: - Oh, Carlão, vem fazer um negócio para mim! “.

Juliane começou a oferecer serviços profissionais para obter renda financeira e disponibilizou tempo, na condição de voluntária, para atender as demandas da comunidade, por exemplo, trabalhou na reforma da escola no serviço de pintura. Juliane estabelece estratégia de marketing para divulgar o seu trabalho por meio da mídia social, isso permitiu que outras mulheres pudessem perceber sua atuação em serviços que tradicionalmente são realizados por homens. Ela relatou que: “(...)se eu não tivesse entrado no projeto comunitário nada disso teria acontecido. Estaria em casa desanimada porque eu sempre gostei desses serviços. O Projeto me descobriu e botou para fora o que estava escondido em mim”.

Desta forma, as atividades desenvolvidas foram geradoras de emancipação, o que possibilitou oportunidades de trabalho. Juliane supera uma relação com o ex-marido que não permitia a sua participação em outras atividades fora do contexto familiar, restringindo-a ao papel de esposa, mãe e dona de casa.

Rosane apresentou relatos semelhantes que mostram esta transição: “A dona Rosane antes do projeto comunitário era só uma dona de casa só... que cuidava dos filhos, dos netos e da casa... fazia os meus serviços domésticos tudo de manhã e a tarde assistia televisão....depois que eu conheci o projeto, então tudo mudou... a minha vida, parece que preencheu e me ajudou muito (...) Então o projeto foi para mim uma descoberta de que eu ainda posso me desenvolver... eu vi que eu posso muito mais, posso voar, ir longe.”. Isto apresentou repercussões na sua identificação com outras atividades: (...) “Através do projeto comunitário eu fiz um curso profissional de babá, para cuidar de crianças pequenas. Mas foi aqui no projeto que eu aprendi a cozinhar melhor (...) Rosane”.

É possível perceber que estas mulheres vivenciaram mudanças nas suas vidas por meio do autoconhecimento, ao considerar que as potencialidades foram desenvolvidas e integradas às suas características pessoais e profissionais. E ao mesmo tempo isso

proporcionou oportunidades para a geração de renda num processo de inclusão socioeconômica.

Discussão

Nesta pesquisa foi possível identificar similaridades nas narrativas de histórias de vida referentes à inserção de mulheres num projeto comunitário, o que possibilitou uma nova oportunidade para aquisição de aprendizagens mediadas por um processo de descoberta de potencialidades. Ocorreu a transição de um mundo que se restringia à família e às rotinas da casa para um espaço diversificado e amplo, o que gerou as noções de autonomia e pertencimento social. Tais aspectos têm sido discutidos por Nunes (2021) ao considerar que o protagonismo das mulheres com baixa renda é uma forma de enfrentamento das vulnerabilidades sociais. Isto apresenta relevância ao considerar que essas mulheres se tornam referência para outras pessoas que estão na comunidade, assim, isso permite construir perspectivas de vida para a superação das dificuldades socioeconômicas.

Nesta pesquisa as mulheres se perceberam agentes de mudança social, o que possibilitou desenvolver novas oportunidades de trabalho para a geração de renda. E para o movimento feminista isto representa uma conquista pelo fato de que historicamente o papel da mulher na sociedade era atribuído ao ambiente doméstico. Quando a mulher explora novos ambientes que antes eram prioritariamente do gênero masculino ocorre uma libertação social de estigmas. Na literatura científica o termo feminismo propõe discutir o papel da mulher na sociedade, a inserção nos espaços comunitários e a democratização das relações de poder (Rubio, Bordi, Ortíz, & Muro, 2017).

Nas narrativas das mulheres existem aspectos que indicam conscientização e emancipação de seu papel na sociedade. Resultados semelhantes foram identificados em outros projetos comunitários realizados no contexto brasileiro, pois, as iniciativas fortaleceram as mulheres no enfrentamento de suas condições sociais, econômicas e culturais (Amaral & Bunstein, 2017; Barroso, 2009; CasaGrande et al. 2018; Schleder et al., 2017), com destaque para a economia popular solidária que promove efetivamente a emancipação (Silva, 2019). Outro ponto se refere ao estudo de CasaGrande et al. (2018), o qual mostrou que o projeto Mulheres SIM por meio dos enfoques (educativo, econômico e sociocultural) permitiu desenvolver a inclusão social.

Na presente pesquisa as mulheres relataram que a participação nas atividades permitiu a abertura para aprendizagens e oportunidades de trabalho no contexto local, assim, é possível ressaltar que ocorreu o fortalecimento comunitário. Este termo é amplamente discutido nas estratégias de intervenção em Psicologia Social Comunitária e representa objetivo central na atuação do psicólogo nos contextos comunitários. Autores da Psicologia Social Comunitária (Azevêdo & Giesel, 2019; Ximenes et al., 2017) recomendam a utilização de uma perspectiva horizontal que considera o sujeito, a realidade social e as potencialidades a serem desenvolvidas. E ao considerar que essas mulheres aproveitaram o espaço da comunidade para oferecer serviços profissionais, a construção de vínculos sociais fortalece as relações e potencializa a autonomia, o que foi identificado em outro estudo (Silva & Azevêdo, 2020)

Nesse sentido, esta experiência gerou recursos para a emancipação da figura feminina por meio da descoberta de suas potencialidades. O empoderamento feminino no século XXI ganhou destaque após uma série de reivindicações voltadas para a qualificação profissional e melhorias nos espaços de trabalho, por outro lado, há o aumento de mulheres chefes de família, o que exige responsabilidades e novos desafios (Cavenaghi & Alves, 2018).

É importante destacar que nesta pesquisa apenas uma mulher era chefe de família com dois filhos, o que provavelmente se reflete em maiores desafios. Os resultados da pesquisa mostraram que as mulheres reconheceram o seu papel na sociedade na condição de agentes de transformação social, isto evidencia a noção de consciência crítica, mas, neste processo as relações comunitárias foram impulsionadoras de mudanças. Estas mulheres se deslocaram de suas casas para aprender algo novo na comunidade que pudesse transformar suas vidas, além disso estabeleceram vínculos sociais. Neste caso, as relações comunitárias têm uma função protetiva e representam uma forma de resistência para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais (Barbosa et al., 2021). Isto ficou claro diante da disponibilidade das participantes para auxiliar outras mulheres que estavam realizando atividades na instituição, portanto, destaca-se a reciprocidade proveniente dos vínculos sociais que foram desenvolvidos.

Nesse sentido, o projeto comunitário apresentou articulações congruentes com a proposta de educação popular, pelo fato de que considerou os interesses das mulheres nas atividades propostas. Assim, os cursos oferecidos atenderam as demandas e

possibilitaram desenvolver a conscientização social, o que ficou claro nos relatos referentes ao autoconhecimento e autoestima. E provavelmente isto possibilitou desenvolver processos reflexivos sobre suas relações no meio social, o que despertou o interesse de mudança da condição socioeconômica. De maneira circular, o autoconhecimento foi gerador de uma nova visão de si mesma, ou seja, uma nova forma de se perceber útil com competências e habilidades.

E sobre as mudanças percebidas, a descoberta de potencialidades permitiu desenvolver o interesse das mulheres na aquisição de novas aprendizagens, ou seja, a inserção em atividades geradoras de atribuição de sentido às suas vidas e realidade social. Destaca-se que a aprendizagem geradora de transformação individual e coletiva estimula novas perspectivas de vida e amplia possibilidades de enfrentamento social e econômico. Nesse processo, Juliane se destacou, se comparada as outras mulheres, pois, desenvolveu autonomia para adquirir conhecimentos a serem utilizados em diversos serviços profissionais.

Verificou-se que essa vivência possibilitou construir a independência financeira após o rompimento com o seu cônjuge que se mostrou resistente às mudanças propostas. Destaca-se que as mulheres participantes foram inseridas em atividades para o desenvolvimento de habilidades profissionais, mas, Juliane se tornou reconhecida na comunidade pela forma de administração dos serviços a serem oferecidos. E sobre este ponto, intervenções comunitárias com o foco no empreendedorismo promovem a autonomia das mulheres, o que contribui para a geração de renda e qualidade de vida (Andrade et al. 2018), aspecto que também foi identificado na pesquisa de Silva e Azevêdo (2021).

O empreendedorismo de Juliane ocorreu de maneira espontânea, ao considerar que não estava previsto nas atividades. Portanto, é algo que pode ser implementado pela organização não-governamental de maneira primária ou secundária, o que depende de interesses e oportunidades, assim, recomenda-se que as atividades comunitárias a serem desenvolvidas apresentem articulações por meio de parcerias com pequenas empresas ou outras instituições para auxiliar pessoas que se mostram interessadas na gestão de negócios.

Na presente pesquisa novos conhecimentos foram integrados às experiências de vida numa perspectiva de transformação social, o que foi algo gerador de inclusão social.

Em síntese, permitiu desenvolver processos emancipatórios de libertação social: ocorreu a transição de mulher cuidadora do lar para uma profissional com habilidades em áreas específicas. Desta maneira, foi possível identificar o crescimento pessoal e profissional adquirido por meio do autoconhecimento e seus reflexos na autoestima, ou seja, na forma de se perceber na condição de mulher com trabalho e renda. Entretanto, infelizmente essa não é uma realidade encontrada em outros locais, pois, as mulheres enfrentam diariamente desafios para a inserção no mercado de trabalho. E conforme Scott (2018), as iniciativas de instituições públicas e privadas com o foco nos projetos para mulheres necessitam de aprimoramentos pelo fato de que não priorizam a real necessidade identificada, assim, as mulheres ficam em segundo plano com baixa representatividade.

Ao considerar tais aspectos parece que as organizações não-governamentais preenchem as lacunas visando proporcionar visibilidade e protagonismos às mulheres, o que foi possível identificar nesta pesquisa. Por outro lado, destaca-se o fato de relativizar os resultados apresentados, visto que, os projetos comunitários enfrentam desafios para qualificar mulheres visando a inserção no mercado de trabalho, pois, algumas vezes as oportunidades de emprego são limitadas. Assim, resultados positivos são provenientes de um conjunto de variáveis, por exemplo, as condições sociais da comunidade, a inserção e motivação das mulheres, as atividades desenvolvidas e as oportunidades para aplicação de conhecimentos na esfera profissional.

E quando estes elementos apresentam repercussões positivas é possível promover qualificação e geração de renda, mas, quando não se identifica a emancipação existe a necessidade de promover reformulações nas ações propostas ou estabelecer parcerias com instituições. É nesse contexto que há necessidade de atenção na maneira de formular, aplicar e avaliar as atividades no contexto comunitário para a identificação das possibilidades e limitações.

Considerações finais

Esta pesquisa analisou três estudos de caso para o aprofundamento das experiências numa perspectiva qualitativa, o que permitiu identificar as mudanças positivas provenientes da participação das mulheres no projeto comunitário. Destacam-se os aspectos da abertura para aprendizagens e a descoberta de potencialidades, os quais

foram vivenciados de maneira processual e se refletiram no autoconhecimento e autoestima.

Os resultados evidenciam pontos positivos que apresentam congruência com os princípios de uma organização não-governamental, ao considerar que contribuiu para o desenvolvimento social e fortalecimento comunitário. É necessário ressaltar que tais resultados são específicos de uma amostra do sul do Brasil, contudo, existem desafios para a geração de trabalho e renda.

A limitação do estudo se refere a ausência de acompanhamento das mulheres ao longo do tempo. Desta maneira, recomenda-se a realização de novas pesquisas por meio do enfoque longitudinal com etapas delimitadas, por exemplo, entrevistar as mulheres no período de inserção do projeto, na fase de conclusão e após um período específico. Pesquisas referentes a avaliação de projetos comunitários com instrumentos padronizados sobre qualidade de vida possibilitam ampliar esta área de estudo. Em síntese, os resultados deste estudo permitem viabilizar a operacionalização de novas ONGS, o desenvolvimento de intervenções psicossociais e o aprimoramento de políticas públicas para as mulheres. É necessário que as instituições governamentais tenham acesso a essas informações para implementar novas estratégias que promovam a inclusão socioeconômica de mulheres.

Referências

- Amaral, D.G., & Brunstein, J. (2017). Aprendizagem social para sustentabilidade: A experiência de um programa empresarial de mulheres empreendedoras em situação de pobreza. *Revista de Gestão Social e Ambiental - RGSA*, 11(3), 02-20. <https://doi.org/10.24857/rgsa.v11i3.1339>
- Andrade, J.C.P., Campos, C.C., Santos, J.J., Rosa, R.O., & Estival, K.G.S. (2018). Empreendedorismo e negócios sociais: o caso do escritório de projetos da Universidade Estadual de Santa Cruz. *Revista Interdisciplinar de Gestão social*, 7(2), 169-181.
- Azevêdo, A.V.S., & Giesel, G.G. (2019). *Psicologia Social Comunitária: teoria e prática*. Juruá.
- Barbosa, V.N.M., Moura-Júnior, J.F., & Ximenes, V.M. (2021). Relações comunitárias de mulheres em situação de pobreza no interior do Nordeste brasileiro. *Psicologia Argumento*, 30(109), 1077-1105. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum39>.

- Barroso, H.C. (2009). Projeto Movimento das Mulheres Empreendedoras: limites e possibilidades da política de geração de emprego e renda para mulheres artesãs no Ceará. IV Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís, MA.
- Beauvoir, S. (2008). *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Nova Fronteira.
- Brasil (2013). Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres 2013-2015. Presidência da República, Brasília, DF. https://oig.cepal.org/sites/default/files/brasil_2013_pnpm.pdf
- CasaGrande, J.L., Nunes, N.A., Michels, J.P., & Souza, P.C. (2018). Empoderamento no programa "Mulheres SIM" do IFSC. *Pensamento Contemporâneo em Administração*, 12 (3), 30-50.
- Cavenaghi, S., & Alves, J.E.D. (2018). *Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios*. ENS-CPES.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2016). *Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*. Brasília, DF: IPEA.
- Mauro, J.E.M., & Naves, R. (1999). Terceiro setor e suas perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, 7 (2).
- Nunes, N.R.A. (2021). Mulher de favela: interseccionalidades e territorialidades. *Revista em pauta*, 47 (19), 103-109.
- Pinheiro, A.C.O., & Lima, L.L.G (2015). Gênero e políticas públicas: uma análise do projeto "mulheres da paz" de Terra Vermelha/ES. *Revista Ágora*, 22, 218-230.
- Rubio, A.G.R., Bordi, I. V., Ortíz, H. T., & Muro, P. G. (2017). Empoderamiento y feminismo comunitario en la conservación del maíz en México. *Revista Estudos Feministas*, 25(3), 1073-1092. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1073>
- Scheleder, M.V.N., Posser, T.G., & Giuliani, A.F. (2017). Transformando Vidas: Relato de um projeto de extensão com mulheres em situação de vulnerabilidade social. XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, Mar del Plata – Argentina.
- Scott, R.P. (2018). Projetos de desenvolvimento e o disciplinamento de mulheres no tempo e no espaço. *Cadernos Pagu*, 52, e185204, <https://doi.org/10.1590/18094449201800520004>
- Serpa, C., Magalhães, D., & Celmer, E. (2013). Projeto Empoderando Mulheres: Uma iniciativa de Enfrentamento à Violência de Gênero. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Desafios Atuais dos Feminismos (Anais Eletrônicos), Florianópolis, SC.
- Silva, M.A., & Azevêdo, A.V.S. (2020). Mulheres em projetos comunitários: redes sociais significativas e a promoção da saúde. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 25(4), 435-448. <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20200043>.

Silva, M.A., & Azevêdo, A.V.S. (2021). Efeitos emancipatórios da participação de uma mulher em um projeto comunitário: estudo de caso. *Nova perspectiva sistêmica*, 30 (71), 85-105. <https://doi.org/10.38034/nps.v30i71.566>

Silva, M.C. (2019). *Mulheres e economia popular solidária: trabalho, inclusão, socioprodutividade e cidadania*. Appris.

Strauss, A.L., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. 2a ed. Thousand Oaks, CA: Sage.

Weldon, S.L. (2019). Power, exclusion and empowerment: feminist innovation in political science. *Women's studies International Forum*, 72, 127-136. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2018.05.014>

Ximenes, V.M., Lemos, E.C., Silva, A.M.S., Abreu, M.K.A., Filho, C.E.E., & Gomes, L.M. (2017). Saúde comunitária e Psicologia Comunitária: suas contribuições às metodologias participativas. *Psicologia em Pesquisa*, 11(2), 4-13. <http://dx.doi.org/10.24879/2017001100200161>